



O VAZIO DE PENSAMENTO COMO PREMISSA DO ANTISSEMITISMO GENERALIZADO NA ALEMANHA NAZISTA

ROSA, Raissa Mariana da Silva

Resumo

Desde suas primeiras obras Hannah Arendt intrigava quem as lia, pois esperava-se de uma autora judia uma defesa incondicional de seu povo, porém esta não se limitou a defender quem quer que fosse com unhas e dentes sem uma profunda análise antes. A partir do momento em que se fala do vazio de pensamento há que se falar também da banalidade do mal, outro conceito criado Questionando até que ponto este vazio influencia a sociedade alemã a seguir as ideias de Hitler é possível também entender a sociedade moderna e seus anseios. O grande questionamento realizado acerca deste recorte historiográfico da Segunda Guerra Mundial é o que motivaria indivíduos a aceitarem ideias de cunho tão extremo, alegando inclusive não ter consciência do que ocorria na época.

Palavras-chave: vazio de pensamento; banalidade do mal; Hannah Arendt; Nazismo; Judeus.

Abstract

From her earliest works Hannah Arendt intrigued those who as law, since a Jewish author was expected to unconditionally defend her people, but this was not limited to a defender whoever smokes tooth and nail without a deep analysis before. From the moment one speaks of the void of thought one has to speak well of the banality of evil, another concept created. Questioning to the point this void influenced by German society to follow as ideas of Hitler is also possible to understand a modern society and its desires . The great questioning about this historiographical cut of the Second World War is what is the reason for the acceptance of such extreme ideas, even claiming not to be aware of what was happening at the time.

Keywords: emptiness of thought; banality of evil; Hannah Arendt; Nazism; Jews.

INTRODUÇÃO

O estudo abordado neste trabalho visa esclarecer até onde o vazio de pensamento, conceito criado pela filósofa Hannah Arendt, influencia diretamente as decisões tomadas em massa frente à oferta de uma ideologia fascista ou extrema, levando-se em conta o recorte histórico da Alemanha Nazista, no qual ocorreu o maior massacre humano da história moderna.

Justifica-se a importância deste estudo em face o comportamento humano intrigar as mais variadas áreas científicas, desde a antropologia, passando pela sociologia e a psicanálise, até o estudo do Direito em si, pois para manter a Justiça em sua forma máxima há a necessidade de compreender as atitudes humanas como um todo.

A pesquisa a ser explicitada neste artigo não serve apenas como uma análise de um período histórico isolado da humanidade em que houve um lapso de consciência generalizado, mas sim o esclarecimento de uma conduta realizada pela massa praticada desde a história antiga que culminou na explosão de atos condenáveis que resultaram no Holocausto, bem como reconhecer atitudes específicas daquele momento histórico que se verificam até os dias de hoje em movimentos extremistas ao redor do mundo.

Dessa forma, ao analisar profundamente as causas do ódio generalizado, podem-se evitar novas ocorrências de massacres e condutas vazias na atualidade. Condutas estas que se verificam com facilidade em uma simples leitura dos noticiários do dia.

A grande questão que torna a pesquisa abordada neste trabalho necessária encontra-se no fato de hoje em dia haver uma crença de que não se repetiria nenhum ato ocorrido no Holocausto, pois há esse pensamento de que a sociedade atual está muito mais desenvolvida e blindada contra atos de extrema crueldade.

Porém, esta ideia de que a sociedade estava em um momento de desenvolvimento alto e grandes descobertas científicas capazes de tornar os seres humanos mais avançados, já existia na época da Segunda Guerra Mundial e esse foi um dos maiores motivos que fez com que as nações se chocassem ainda mais com as condutas verificadas no Holocausto: esperava-

se que em uma sociedade naquele patamar não fosse possível encontrar registros de tais barbáries cometidas pelo próprio Estado.

Para entender o que levou tal sociedade agir daquela maneira é preciso fazer uma abordagem histórica da Alemanha da época, bem como a origem do antisemitismo no mundo e, principalmente, naquela sociedade.

Ao estudar a origem do antisemitismo é possível diagnosticar desvios de conduta que se repetem hoje, levando a uma reflexão sobre a importância do estudo da história, o qual sempre revela o que se deve evitar para manter o bem estar social da humanidade, pois não esquecendo o passado é possível evitar que se repitam erros no futuro.

Portanto, o estudo desta problemática a ser abordada, a qual se refere a um passado histórico, continua tendo relevância na atualidade, por isso faz-se necessária esta abordagem de tema, cuja análise trará respostas à grandes questionamentos feitos hoje por toda a sociedade.

Os conceitos criados por Hannah Arendt do vazio de pensamento e do mal banal não perderam sentido com o passar do tempo, mas sim, continuam relevantes nos acontecimentos que são observados no mundo atual.

Há que se afirmar que seus conceitos continuam polêmicos, pois trazem problemáticas que enfraquecem a ideia de perfeição do ser humano e de superioridade comparado com outros animais.

Quando se fragiliza esta ideia, quando se coloca o ser humano como capaz de atrocidades, há revolta por parte daqueles que não admitem o que Hannah Arendt explica em sua filosofia como correto, porém, é com dados e ideias contrapostas que se constroem teorias mais fortes e sólidas.

São debates que levam o ser humano a chegar a conclusões mais sábias e complexas, pois com opiniões iguais não é possível trazer grandes mudanças para a humanidade.

Após explicitar os principais pontos desta pesquisa e as obras que a embasaram, resta esclarecer que esta contribuirá para o desenvolvimento da ciência social.

Ainda, muitas obras serão adicionadas a este trabalho, com o fim de resultar em uma pesquisa completa e sólida.

MATERIAL E MÉTODO

Para o correto desenvolvimento deste trabalho foi estabelecida uma estratégia metodológica. Primeiramente, foi utilizado o método de pesquisa qualitativo, o qual explica Oliveira (1998, p. 37): “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

Além disso, foi realizada uma pesquisa exploratória, explica Gil (1999, p. 27), que esta “tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Para tanto, foram aplicadas as técnicas para coleta de dados documental e de pesquisa bibliográfica. A primeira, de acordo com Lima (2004, p. 37), “permite ao pesquisador dispor de referencial indispensável para a fundamentação da solução do problema investigado ou da verificação da hipótese formulada”. A segunda de acordo com o mesmo (Apud, p. 114) “pressupõe o exame ou o reexame de materiais que ainda não receberam qualquer tratamento analítico, no objetivo de fundamentar interpretações novas ou complementares sobre o que está sendo investigado”.

Portanto, este estudo utilizou como procedimento a análise de artigos, textos e livros que debatem acerca do assunto apresentado, bem como fontes cinematográficas e documentários, utilizando ainda uma análise crítica e fundamentada, buscando respostas e explanações acerca do assunto abordado, sem deixar de lado seu caráter exploratório.

O VAZIO DE PENSAMENTO POR HANNAH ARENDT

Para entender as atrocidades que estão em questão neste trabalho, faz-se necessário o esclarecimento do que seria o vazio de pensamento, conceito citado por Hannah Arendt (2008, 336 p.) em seu livro “Eichmann em Jerusalém”.

Para explicar o que seria este vazio, foi necessária a utilização do entendimento da autora Nadia Souki (1998, p. 119) acerca do explanado por Hannah Arendt:

[...]é importante observar que o termo “vazio de pensamento” não se encontra suficientemente delimitado e nem localizado especificamente na obra de Hannah Arendt. Mas ele pode ser destacado sempre apresentando as seguintes características: encontra-se salpicado em diversos pontos de sua reflexão sobre o mal com os nomes de “ausência de pensamento”, “superficialidade” e “irreflexão” e se acha sempre associado a banalidade do mal.

Com base nesse vazio pode-se fazer o questionamento de até que ponto este seria responsável pela criação de um pensamento único para uma massa generalizada da população, a qual facilita a disseminação de ideias de pobreza intelectual até mesmo para aqueles que têm uma boa formação acadêmica.

Extrair a ideia de que o mal está diretamente ligado a este vazio de pensamento é necessária, pois está presente nas ideias de Hannah Arendt, em face o mal consistir em uma ideia superficial, não haver profundidade nele, por isso pode-se dizer que ambos tem uma ligação. Essa ausência do pensar e refletir resulta em ideias de pobreza intelectual, corriqueiramente perversas.

Este conceito foi criado por Hannah Arendt (ARENDT, 2008. 336 p.) em seu livro “Eichmann em Jerusalém”, no qual é feita uma análise do comportamento humano usando como exemplo o nazista Adolf Eichmann, grande responsável pelo extermínio judeu na Alemanha nazista, também chamado de “a solução final”.

O vazio quando associado ao conceito de massa carrega um peso de responsabilidade muito grande, no sentido de que tudo que é falado é absorvido, não há um filtro entre o que está sendo proferido e o que será aceito pelos ouvintes.

Associado a este vazio já pré existente, o partido nazista procurava manter a massa em sua situação de ignorância, alimentava essa falta de raciocínio lógico e pensamento crítico, para que pudesse cada vez mais introduzir suas ideias sem questionamento algum.

Assim, explica Nádia Souki (SOUKI, 1998. p. 122) sobre o vazio de pensamento:

O totalitarismo, apoiando-se em uma massa atomizada, procura torná-la sempre mais atomizada e amorfia; massa de indivíduos isolados, anônimos, sem interesses pessoais, sem poder, pois homens isolados sem interesses em comum não tem nenhum poder. Nesse contexto, o senso comum é uma categoria capital para a reflexão sobre o fato político, porque ele é, precisamente, o contrário do isolamento que age sobre a via da aniquilação da esfera política. Aqui o senso comum se caracteriza como o sentido do real, condicionando o indivíduo a se relacionar com a realidade do mundo em que vive, a dominá-la, julgá-la, a se adaptar, a modificá-la, enfim, de ser ele. Assim, a dominação totalitária passa pela destruição desse sentido da realidade, dessa faculdade que se apoia na presença do outro.

Conforme se depreende do trecho acima, há uma distorção da realidade por parte do opressor, o qual incentiva cada vez mais a transformação da realidade do oprimido, para que este confie e necessite apenas do opressor, sem querer buscar o que está fora do domínio.

O dominado não pode enxergar mais do que lhe é posto, do que é dito. Não pode haver nem um mínimo sequer de dúvida por parte do oprimido quanto a idoneidade de seu opressor.

O opressor deve ser visto como herói, como o salvador dos miseráveis, como aquele que traz o alimento para os filhos do oprimido. Ele deve ser visto como o único com a verdade absoluta, inquestionável.

A autora Nadia Souki salienta, ainda, que para manter a massa sob controle, o isolamento desta é essencial, pois a desorienta.

Um ser isolado não possui parâmetros para medir o que é correto. Esta falta de base para tomar decisões mantêm os oprimidos da massa cada vez mais isolados dentro do regime.

Não há como comparar uma coisa com si mesma, por isso o isolamento é tão necessário para a manipulação das massas ser eficaz.

Ainda, quanto aos instrumentos de dominação para manter a massa sempre no caminho designado, Hannah Arendt traz o medo como a principal delas.

Para ela, o medo seria maior que o próprio sonho de buscar uma vida melhor, que o desejo de um mundo perfeito. O medo leva os indivíduos de volta ao estado selvagem, do instinto, no qual o cérebro não toma decisões meticulosamente pensadas, mas sim decisões rápidas e por meio de atalhos chega a solução, uma decisão.

Assim, dificilmente um indivíduo faria escolhas de forma pacífica e com um tempo duradouro, tais escolhas, quando há medo, são derivadas de um raciocínio atropelado, curto, sucinto e mastigado.

A pressa dos tempos modernos acarreta um encurtamento dos raciocínios, uma necessidade do pronto, do imediato, do fácil e eficaz.

Hannah Arendt cita Eichmann como um exemplo de ser que deixou seu pensamento esvaziar-se diante de outras necessidades, como a de ascender como um famoso militar, trazer à sua família o que tanto sonhava.

O vazio de pensamento que se identifica em Eichmann está relacionado ao fato de ele ser apenas um burocrata que nunca teve um raciocínio muito incentivado. O que o motivava era provar para sua família que seria capaz de se tornar uma figura pública e importante, não tinha nada contra os judeus em específico, apenas colocou seus interesses em um patamar que não possibilitava que qualquer outro questionamento o tirasse de seu foco.

Ainda, uma forma bem explícita de mostrar que Eichmann apenas não questionou suas atitudes é o fato de ele ter afirmado que não matou nenhum judeu, que não matou nenhuma pessoa sequer.

Para ele o que fez foi apenas obedecer ordens, pois era isso que o satisfazia, para Eichmann uma ordem não cumprida significava uma falha e isso o torturava por dentro.

Conforme se observa, inclusive das próprias palavras de Eichmann, ele não se considerava responsável direto pela morte dos judeus, ou pela morte de qualquer ser humano. Apenas seguiu as ordens que lhe foram redigidas, sem questionar se havia fundamento naquelas, ou se estavam de acordo com seus valores.

Porém, não haviam valores como os que se espera de um indivíduo social em Eichmann, havia nele um valor relacionado apenas visando sua ascensão na carreira.

O EXPERIMENTO DE MILGRAM E O CASO EICHMANN

O julgamento de Eichmann chamou atenção de muitas pessoas em face ter ido contra o que todos esperavam de sua personalidade. A expectativa de um homem muito diferente do comum e extremamente cruel não foi cumprida.

Os seres humanos tendem a colocar o mal como algo antagônico ao seu próprio ser, algo distante e impossível de alcançar. Porém, quando o mundo tomou conhecimento de que Eichmann não era um ser tão diferente, nem possuía maldade além do que é intrínseco ao homem médio ter, houve um choque, uma quebra de paradigma.

Transformar os soldados nazistas em monstros que detêm condutas nada comuns na sociedade é tarefa fácil. A dificuldade se encontra quando há a necessidade de olhar para os próprios cidadãos alemães e reconhecer o mesmo mal neles, olhar para a própria condição humana e enxergar ali o mal que tanto é condenado pelo homem médio.

A partir deste questionamento sobre onde pode se encontrar o mal, outros surgiram, como: seria este mal característica pura de um homem que trabalhava em prol do nazismo ou seria algo encontrado em todo ser humano e, mais, seria a pura burocracia de Eichmann e sua facilidade de seguir ordens, algo característico apenas de sua personalidade, ou algo inerente a todo ser humano?

Para responder alguns destes questionamentos, em 1963, um ano após a execução de Adolf Eichmann, o cientista Stanley Milgram (1963, p. 371–378) elaborou um estudo baseado em um experimento chamado de “Behavioral Study of Obedience” ou, em português, “Estudo Comportamental da Obediência”.

O estudo consistiu em colocar pessoas comuns para punir outras pessoas também comuns, sendo que quem fizesse o papel de professor no

estudo seria responsável por dar um choque em quem faria o papel de aluno a cada erro que o este cometesse.

Os indivíduos responsáveis por punir tinham a sua frente uma série de botões com a quantidade de volts do choque que seria aplicado no suposto aluno, assim, os professores sabiam a quantidade de volts que usariam para punir o aluno e também haviam informações sobre o nível de periculosidade dos choques.

Ainda, os indivíduos que respondiam como professores podiam ouvir, a cada punição que aplicavam, os gritos e manifestações de dor dos alunos punidos, vindos da outra sala, o que não os impediu de ir até o fim com o aumento dos choques.

No início da pesquisa, Milgram esperava que o nível de pessoas que fossem se furtar de aplicar choques fortíssimos em pessoas que supostamente estariam sofrendo, seria baixo, porém, ao concluir a pesquisa, Milgram ficou surpreso ao descobrir que mais da metade dos indivíduos analisados aceitaram, apenas por causa da ordem dada por uma suposta autoridade, punir pessoas sem qualquer outro motivo.

Esta pesquisa mostra que os seres humanos respondem com violência a qualquer estímulo simples ou ordem, não importa se advindas de autoridade suprema ou apenas de um ser que se apresentou como tal.

Os indivíduos pesquisados neste experimento de Milgram puniram outras pessoas apenas para não sofrerem o pequeno mal estar de dizer “não” à ordem do orientador da pesquisa.

Isto reforça a ideia que Pondé expôs em seu texto, no qual afirma que por pequenas coisas o ser humano é capaz de agir conforme o comandado, não hesitando em machucar outros.

Vale ressaltar ainda, que esse pensamento burocrata de seguir ordens sem questionamentos, geralmente vem acompanhada da ideia de realizar uma atividade em prol de um bem maior, de um fim nobre.

Essa característica de buscar o bem maior tem grande efeito quando se trata de reunir massas grandes em um único objetivo.

REVISÃO DE LITERATURA

Hannah Arendt obviamente não tem sua teoria aceita por todos no meio filosófico, sua teorias são duramente criticadas inclusive por autores judeus e a sociedade judaica em si.

Quando Arendt escreveu sobre o que viu no julgamento de Eichmann, com sinceridade, não foi bem aceita, pois todos esperavam que ela o descrevesse dentro daquilo que se espera de um psicopata monstruoso.

Como Hannah Arendt não viu em Eichmann nada além de um burocrata, um ser humano comum, que se assemelhava a qualquer ser humano, suas teorias foram consideradas polêmicas, pois assim ela estaria afirmando que qualquer indivíduo poderia praticar o que Eichmann fez, o que Hitler fez, o que todo o Partido Nazista e a SS fizeram.

Hannah demonstrou a dura realidade: que qualquer ser humano seria capaz da mesma atitude e isso não é algo que toda a sociedade estava preparada para ouvir.

Arendt também atribuiu a atitude de Eichmann à um vazio de pensamento, que o impulsionava a agir da forma que agiu, um vazio que possibilitava o mal de não ser questionado por ele.

Porém, alguns autores consideram que o que fez os compactuantes do nazismo a agirem da forma documentada foi outro motivo. Foi o fato de a Alemanha estar em uma fase fragilizada e vulnerável a qualquer comando. Alguns autores inclusive atribuem isso à uma ideia de estupidez da população alemã, como pode se observar do explanado pelo autor Eric Voegelin (2008, p. 55):

Então, aí tendes o problema da degeneração da sociedade. Se alguém na posição de Hitler dá ordens para matar - instruções para um crime sem nenhuma base legal e pelo qual ele próprio é um criminoso no sentido do Direito penal -, essas ordens serão simplesmente cumpridas porque a condição moral da população é tão baixa que as pessoas não podem distinguir entre legalidade e ilegalidade, criminalidade e não-criminalidade.

Como pode se observar no excerto acima, o autor atribui as atitudes da população alemã, ao seguir as ordens dadas por Hitler, a uma “degeneração”

da população, no sentido de que os atos cometidos por ela são derivados de uma população fragilizada, uma população que estava enfraquecida pelo pós guerra e que, por isso, não possuía um pensamento crítico disponível de forma fácil.

Ainda, o autor Norbert Elias (1997, p. 270.) esclarece em sua obra que “o principal problema pelo homicídio em massa, em nome de uma nação, de homens, mulheres e crianças de um grupo estranho, não reside no ato em si mas, antes, em sua incompatibilidade com os padrões que passaram a ser considerados as marcas distintivas das sociedades mais altamente desenvolvidas do nosso tempo.”

Essa ilusão seria responsável pela cegueira temporária que leva uma população inteira a ignorar mortes em massa ocorrendo dentro de seu país, leva os cidadãos a crerem que tudo está em seu devido lugar e que não há questionamentos a serem feitos.

Apesar de haverem teorias alheas as de Hannah Arendt, todas elas tentam explicar o que ocorre para que uma sociedade mude seu curso de forma a se direcionara a um caminho de violência a destruição.

Porém, ainda hoje há questionamentos sem respostas, tornando necessária e relevante a pesquisa acerca deste assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do estudo das teorias dos autores abordados neste artigo percebeu-se que há muitas controvérsias acerca da origem do mal na humanidade, bem como de que forma o conceito de vazio de pensamento influenciaria este mal, tornando-o tomador de decisões no lugar da racionalidade.

Assim, facilmente notou-se que acerca da teoria de mal banal não há um pensamento pacificado dentro da filosofia ou da psicologia.

Neste viés, não se pode afirmar com certeza quais fatores foram responsáveis pela prática de atos cruéis pela Alemanha sob o governo nazista, se foi a miséria crescente que assolou o país, a necessidade do povo atingido pelo pós-guerra de possuir um líder que os orientasse a uma melhora na

economia, ou também se nenhum desses fatores tiveram importância para influenciar toda uma sociedade.

Essa afirmação de que qualquer ser humano seria capaz de realizar os mesmos atos praticados pelos nazistas levou a autora Hannah Arendt a ser considerada extremamente polêmica, sendo criticada inclusive pelo povo judeu.

O que se pode concluir acerca da banalidade do mal conceituada pela autora é que essa banalidade significa que o mal faria parte do cotidiano de cada ser humano, seria intrínseco a este, presente em tudo que o indivíduo planeja, sendo apenas controlado, pelo raciocínio crítico e pelo questionamento moral de suas atitudes.

Quando um ser humano possui este pensamento crítico capaz de fazê-lo questionar seus atos e de que forma poderia agir sem prejudicar outro ser humano, há um controle desse mal banal, coloca-se um limite aos atos a serem praticados.

Já quando este indivíduo não se questiona acerca de seus atos, deixando-se levar por qualquer influência externa e pelo seu simples interesse egoístico o mal domina suas atitudes, possibilitando qualquer ato motivado por qualquer coisa, por mais simples que seja.

Uma ordem de um suposto superior hierárquico, ou alguém que supostamente detém mais conhecimento que ele, seus próprios interesses, a prática do tão citado “bem maior”. Todas essas influências podem levar um indivíduo a práticas questionáveis do viés da sanidade.

Dessa forma, neste trabalho a grande questão abordada foi até que ponto a construção de um pensamento crítico seria eficaz para controlar o mal que já é intrínseco ao ser humano?

A resposta que se encontrou foi que este vazio que leva o ser a agir sem questionamentos não está ligado a conhecimentos acadêmicos mas sim ao sentimento do indivíduo como reconhecido perante a sociedade.

O ser humano tem a necessidade de existir perante todos, de ser reconhecido, de realizar feitos históricos, de se sentir parte de algo maior, um todo.

Esse sentimento impulsiona o ser a buscar de qualquer maneira seu papel adequado perante a sociedade. Seja ele o de um pai provedor de alimentos para os filhos, ou até mesmo um tenente que cumpre perfeitamente seu papel de executar ordens de superiores hierárquicos.

Foi esse sentimento que Hitler de forma extremamente perspicaz observou que a sociedade alemã pedia, essa busca por relevância.

Colocando diante de uma sociedade totalmente fragilizada uma respostas para seus problemas, Hitler conquistou de forma eficaz muitos seguidores.

Apesar de ter contrapostos, a teoria de Hannah Arendt é sólida, porém polêmica, pois coloca qualquer ser humano de qualquer época paralelo as atitudes dos nazistas, coloca qualquer indivíduo como capaz de executar o que assassinos fizeram.

O presente estudo buscou delimitar qual o limite da racionalidade sobre o instinto quando se trata de situações extremas a que o ser humano é exposto.

Porém não busca delimitar uma única resposta para todos os questionamentos anteriormente citados nesta pesquisa.

Por fim ressalta-se que ainda há muito o que se explorar quando se trata da condição do ser humano perante a sociedade e também perante si mesmo, restando ainda muita área para pesquisa neste sentido.

Referências

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 336 p.

DEJOURS, Christophe. **A banalização da injustiça social.** 3 Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. 160 p.

ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 431 p.

LENHARO, Alcir. **Nazismo: o triunfo da vontade** . 5. ed. São Paulo: Ática, 1995. 93 p. (Princípios ; v.94.)

MILGRAM, Stanley. Behavioral Study of Obedience. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, USA, n.67, p 371–378, 1963.

PONDÉ, Luiz Felipe. Pequena Sociologia do Fungo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 de julho de 2009.

SHIRER, Willian Lawrence. **Ascensão e queda do terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Civilização, 1962.

SOUKI, Nadia. **Hannah Arendt e a banalidade do mal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

VOEGELIN, Eric. **Hitler e os alemães**. Rio de Janeiro: É, 2008.